

AGO
2024

CARTA DE
CONJUNTURA

CONSELHO SUPERIOR DE ECONOMIA, SOCIOLOGIA
E POLÍTICA DA FEGOMERCIO-SP

FIQUE DE OLHO

ATIVIDADE ECONÔMICA

Os resultados do PIB do 2º semestre serão divulgados no início de setembro, mas dados prévios, como o IBC-Br, já apontam para um desempenho acima do esperado, mesmo com a tragédia do Rio Grande do Sul. É uma conjuntura marcada por desemprego baixo, aumento da renda e consumo em alta.



PARA ONDE VAI A SELIC?

A atividade econômica forte, o fato de a inflação medida pelo IPCA ter atingido o teto da meta (4,50%) em julho, entre outros fatores, podem levar o Banco Central a retomar o ciclo de alta da Selic já na próxima reunião de setembro. Parte do mercado já projeta taxa em 12% em janeiro de 2025.

DÓLAR PODE CAIR?

Um eventual aumento da Selic nas próximas reuniões do Copom, ou até mesmo a manutenção em 10,5%, aliado a potencial queda dos juros nos EUA, podem arrefecer o câmbio, valorizando o real. Fique atento às variações da moeda.



BONS NEGÓCIOS DA CHINA

Em um cenário de produção em alta, a China segue precisando exportar, o que faz com que as empresas do gigante asiático se abram para barganhas. Pode ser um bom momento para fazer negócios com elas.

CAUIDADO COM EMPRÉSTIMOS

Considerando esse cenário da Selic até o fim do ano, é importante que o empresário revise seu planejamento financeiro contemplando um aumento do custo financeiro de empréstimos já contratados atrelados à Selic, como os do Pronampe, e avalie se é o momento de reforçar o caixa antes desse ciclo de alta das taxas de juros.

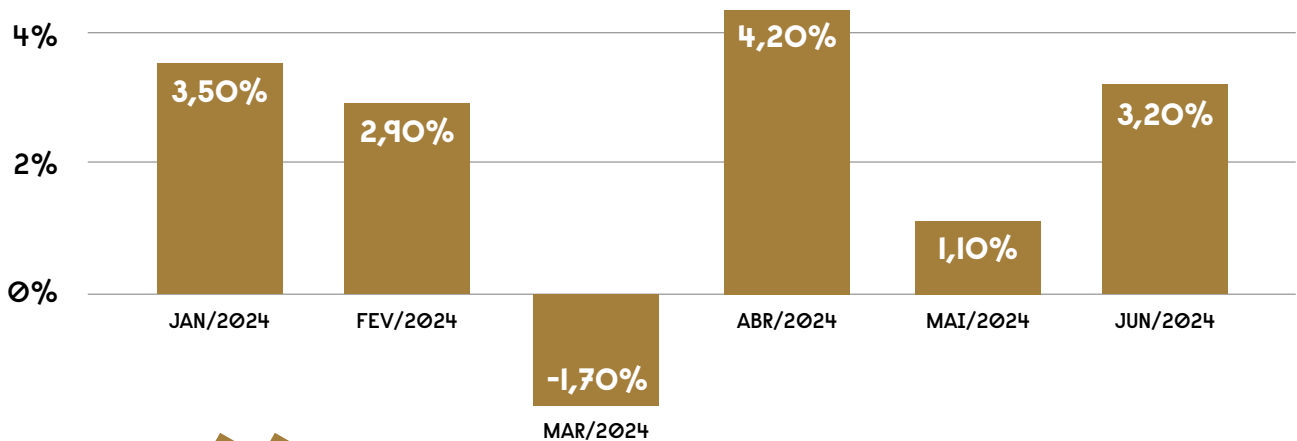
GESTÃO DE ESTOQUES

Até por isso, mantenha o controle dos estoques. Estoque parado é dinheiro parado e em tempos de juros altos, pode ser fatal para a empresa.

IMPACTOS DO AQUECIMENTO

Os dados da atividade econômica brasileira continuam bastante surpreendentes, na análise do CESP. O resultado é que as revisões sobre o PIB de 2024 permanecem colocando-o cada vez mais para cima. A demonstração mais recente disso é o IBC-Br, do Banco Central, que subiu 1,12% no segundo trimestre em relação ao primeiro. Na comparação anual, a elevação foi de 2,8%.

IBC-BR | JANEIRO A JUNHO DE 2024



O MOMENTO É, SEM
DÚVIDA, MARGADO PELO
EXCESSO DA DEMANDA.

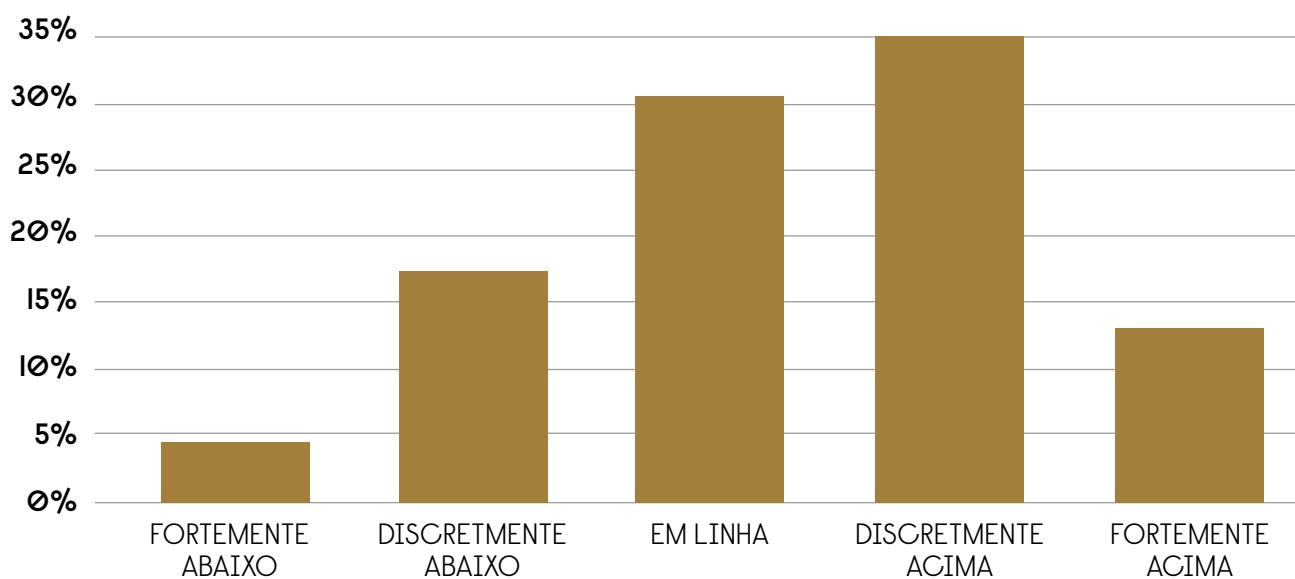
Um exemplo é a indústria automotiva, que teve uma alta produtiva de quase 35% em julho deste ano, em relação ao mesmo mês de 2023. Isso mesmo com uma queda de significativos 28% nas exportações de automóveis. O mercado interno está absorvendo essa diferença.



O empresariado já percebeu esse fenômeno: de acordo com a pesquisa Firmus, elaborada pelo Banco Central, 35% dos entrevistados esperam **crescimento do PIB acima do esperado** em 2024. Além disso, quase metade das empresas afirmaram que os custos com mão de obra estão subindo mais do que a inflação e, de fato, membros do CESP notam essa pressão também nos serviços.

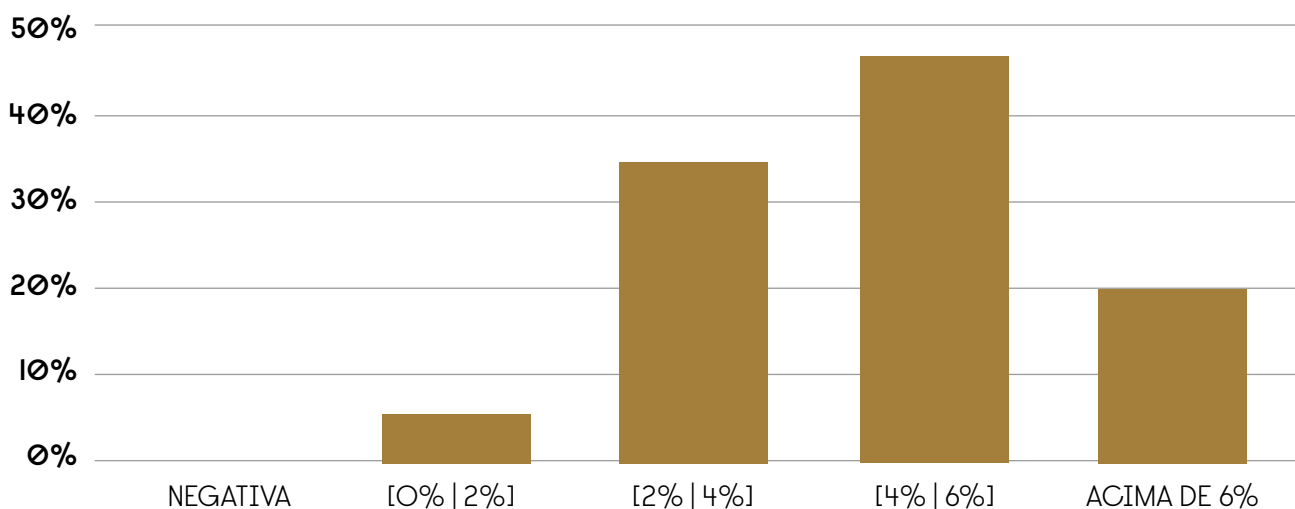
BOLETIM FIRMUS | EXPECTATIVA DO SETOR PRODUTIVO X PIB

■ MAIO 2024



BOLETIM FIRMUS | EXPECTATIVA DE CUSTO DE MÃO DE OBRA PARA OS PRÓXIMOS 12 MESES

■ MAIO 2024



OS RUMOS DOS JUROS

Essa conjuntura de excesso de demanda ocorre em paralelo a uma **política fiscal expansionista** pode impactar nos juros. O déficit nominal brasileiro dos últimos 12 meses foi de 9,9% do PIB (9,1% tirando as despesas com precatórios). Em um intervalo de um ano e meio, a relação entre dívida pública e PIB cresceu 6 pontos percentuais, passando de 71,7% em dezembro de 2022 para 77,8% em junho passado.

Dessa forma, a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, na próxima reunião – na segunda quinzena de setembro –, **deve indicar um novo rumo.**

Por um lado, há necessidade de atuar sobre o crescimento exagerado da demanda. Por outro, um novo aumento da taxa básica de juros pode estrangular o endividamento das empresas. Ainda assim, na visão do CESP, **é de se esperar um novo ciclo de alta da Selic ainda nesse ano.**

INVESTIMENTOS EM QUEDA

Sem contar que os gastos públicos excessivos, assim como as taxas de juros elevadas, já têm o efeito de afugentar o investimento privado. Mesmo depois do anúncio do novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), as taxas de investimentos seguem baixas.

Para o CESP, **essa soma entre investimento baixo e consumo em alta representa um cenário de médio prazo muito perigoso para o País.**

INFLAÇÃO VAI SUBIR?

Além da política fiscal, a possível elevação da Selic pelo Copom, em setembro, também se relaciona com a expectativa de nova alta da inflação. O setor produtivo já espera por uma alta, como se vê no boletim Firmus (4% contra 3,89% do Focus, feito com o mercado financeiro), o que é relevante, já que ele sente mais as pressões dos custos.





FED VAI MEXER NOS JUROS?

Os mercados globais seguem atentos aos movimentos do FED, o banco central dos Estados Unidos que, até junho, mantinha uma posição de não mexer nos juros do país. **Agora, a aposta é que haverá corte ainda em 2024. E há até quem diga que isso acontecerá em setembro.**

Isso por causa dos dados da inflação dos últimos três meses, que permanecem próximo da meta, mas também pela queda dos preços industriais e das commodities, assim como um arrefecimento do consumo das famílias norte-americanas (hoje, 80% do core da inflação do país se deve à habitação).

Qual será o efeito disso para o Brasil? Para o CSESP, de alívio.

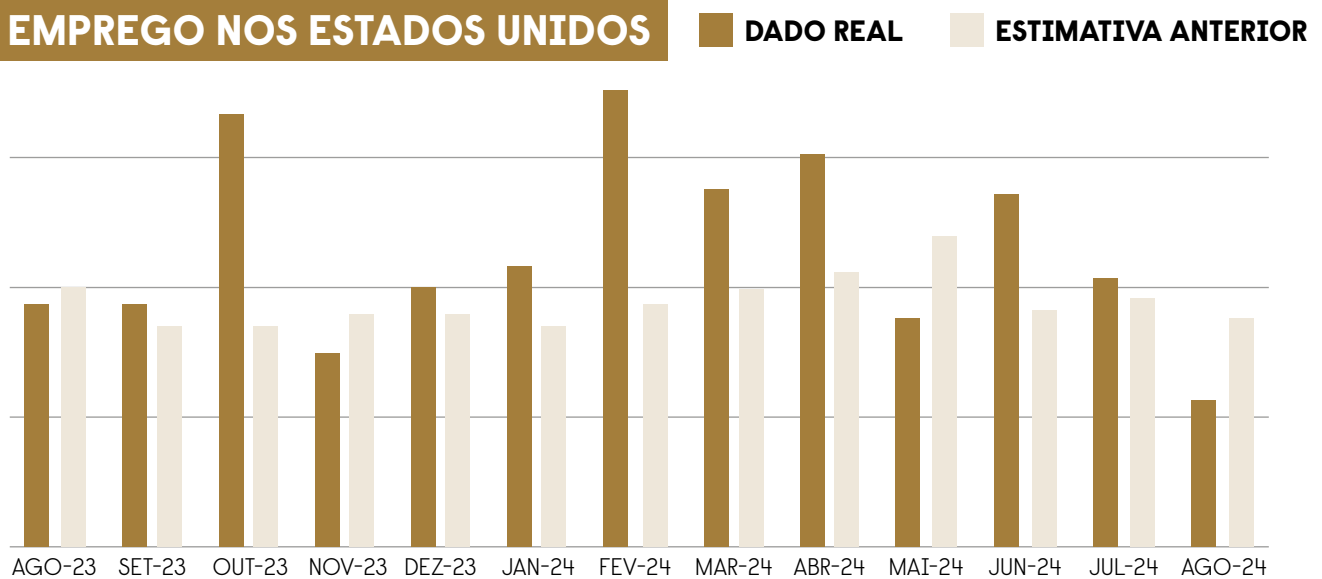
Se o FED cortar os juros, vai diminuir a pressão sobre o Copom para aumentar a Selic, além de propiciar um cenário de **valorização do real**. Somando a isso um mercado internacional aquecido, com preços próximos ao nível pré-pandemia de COVID-19, torna o cenário externo bastante positivo ao País.

CRISES DOS MERCADOS

Há algumas semanas, os mercados globais entraram momentaneamente em crise, com bolsas de alguns países caindo drasticamente. No começo de agosto, a bolsa de Tóquio, no Japão, por exemplo, caiu 12,4% em um dia, registrando a maior queda em pontos da sua história. Além do aumento dos juros no Japão, surgiram preocupações em torno da economia dos EUA.

O que aconteceu foi um **questionamento mais robusto sobre a capacidade da economia norte-americana em manter o ritmo atual de crescimento**, que surgiu principalmente depois que dados sobre o emprego nos Estados Unidos foram publicados (veja abaixo).

EMPREGO NOS ESTADOS UNIDOS



Uma análise mais abrangente desses números, porém, revela que a economia do país continua bastante forte – e que o pânico nos mercados foi muito mais sobre uma crise de expectativas do que baseado na realidade.

IMPACTOS DA ELEIÇÃO

Faltando cerca de três meses para a eleição presidencial nos EUA, esse é outro ponto de atenção global, já que os rumos do país afetam a economia do mundo inteiro.

Já há um consenso que **um resultado apertado no pleito entre o empresário Donald Trump e a atual vice-presidente, Kamala Harris, gerará volatilidade nos mercados**.

Cada candidato possui percepções próprias sobre questões geopolíticas, cada uma com condições de atacar expectativas diferentes. Neste momento, todos os mercados trabalham na elaboração de cenários considerando mandatos de Trump ou Harris, considerando, principalmente, os efeitos sobre as guerras atuais – entre Ucrânia e Rússia e no Oriente Médio. Os países do Norte desenvolvido estão atuando para manter as animosidades no Oriente Médio controladas e, assim, evitar uma alta do preço do petróleo. Por enquanto, a estratégia está funcionando.

O QUE SERÁ DA CHINA?

Os poucos incentivos econômicos do governo chinês atualmente fazem com que produção industrial do país cresça mais que o consumo, limitado ainda pelo fato dos consumidores estarem se sentindo mais pobres com a retração dos valores dos títulos imobiliários e das casas.

Membros do CSESP dizem que a situação no gigante asiático começa a ficar insustentável, principalmente porque o investimento privado está em baixa e, em paralelo, a saída de recursos estrangeiros estrangula a economia.

A meta de crescimento de 5% do PIB em 2024 pode, inclusive, não ser alcançada.

“ Não há dúvidas de que o nível da atividade econômica do Brasil é surpreendente. Os dados têm, inclusive, feito com que o mercado revise constantemente suas previsões sobre o PIB de 2024. Mas há um sinal de perigo adiante: os custos com mão de obra estão aumentando mais do que a inflação, e mesmo assim as margens de lucro também estão subindo. É um sinal de que vivemos uma conjuntura de excesso de demanda – e que já está pressionando os preços da economia. Para nós, não seria surpresa se o Copom tomar medidas mais duras na política monetária já a partir da próxima reunião”.



ANTONIO LANZANA -
Presidente do CSESP



PUBLICAÇÃO DA FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO DE BENS,
SERVIÇOS E TURISMO DO ESTADO DE SÃO PAULO

ABRAM SZAJMAN

PRESIDENTE

IVO DALL'ACQUA JÚNIOR

PRESIDENTE EM EXERCÍCIO

ANTONIO CARLOS BORGES

SUPERINTENDENTE

AV. REBOUÇAS, 3377,
PINHEIROS, SÃO PAULO - SP
CEP: 05401-400

WWW.FECOMERCIO.COM.BR